

## **Quem é o “Sul Global”? Observações preliminares sobre seu surgimento e evolução como conceito.**

JOSUÉ KUHN VÖLZ<sup>1</sup>; LUCIANA MARIA DE ARAGÃO BALLESTRIN<sup>2</sup>

<sup>1</sup>UFPEl – josuekv@gmail.com

<sup>2</sup>UFPEl – luballestra@gmail.com

### **1. INTRODUÇÃO**

Este trabalho buscará analisar o conceito de “Sul Global” em contraposição a ideia de “Norte Global”, partindo do pressuposto de que tal categorização não é baseada estritamente em elementos cartográficos e geográficos. Indaga-se quais são os principais atributos que definem essa divisão. Nossa hipótese inicial é a de que a ideia de Sul Global substitui a noção de “Terceiro Mundo”, tendo no conceito “desenvolvimento” seu principal definidor, em termos ausência e falta – por exemplo, “países não desenvolvidos”, “subdesenvolvidos”, “em desenvolvimento”. Tal proposta se insere na pesquisa maior “O Giro Decolonial e a América Latina: contribuições para o debate global sobre as Teorias do Sul”, coordenada pela profa. Luciana Ballestrin.

### **2. METODOLOGIA**

O trabalho foi realizado através das técnicas de pesquisa documental e bibliográfica. Trata-se de uma reconstrução conceitual e histórica, possibilitada por uma revisão analítica da literatura e de determinados documentos e relatórios oficiais.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Principalmente a partir a década de 1970, a divisão Norte-Sul começa a receber maior notoriedade. Todavia, uma divisão mais concreta só é estabelecida com a publicação dos Relatórios Brandt, em 1980 e 1983, o primeiro trazendo “Norte-Sul” em seu título. Nos relatórios, é discutida a crise mundial que se enfrentava no momento, apontando que o ônus da situação era severamente mais intenso para o “Sul”. A sua contribuição mais clara foi a institucionalização da divisão através da criação da “Brandt Line”, que dividia o mundo levando em conta a renda *per capita* dos países (BRANDT,1983). Tal representação se assemelha a divisão aceita atualmente.

A divisão do globo entre Norte e Sul vem a substituir a categorização entre Primeiro, Segundo e Terceiro Mundo, na qual os primeiros representariam a alta industrialização, liberal, democrática e capitalista. O Segundo representaria o “outro”, o bloco comunista sobre o controle da URSS, enquanto um Terceiro Mundo incluiria os não-alinhados, que serviam majoritariamente como arenas de disputa entre as superpotências (ALTINBAS,2013). Para tanto, o Terceiro Mundo foi usado para descrever sociedades que apresentavam dificuldades em atingir objetivos econômicos modernos, sejam esses capitalistas, ou socialistas. Com o relativo fim do Segundo Mundo, há uma redistribuição dos países entres duas categorias, o Sul e o Norte.

O “Global” irá ser incorporado ao termo mais tarde, possivelmente devido ao discurso de globalização que emergia nos anos 1990. Todavia, somente em 2003, com o Programa de Desenvolvimento da ONU, “*Forging a Global South*”, é que o conceito recebe atenção oficial. O termo começou a ser mais amplamente utilizado mais recentemente. Segundo um estudo bibliográfico de estudiosos alemães, o primeiro registro do uso do termo é de 1996. Em 2004, o termo Sul Global aparece em somente 19 publicações nas humanidades e ciências sociais, mas em 2013 o número havia crescido a 248 (PAGEL; RANKE; HEMPEL; KÖHLER, 2014).

Segundo Deniz Altinbas (2013), o termo “Sul Global” deriva de uma divisão política e econômica, representando os países mais pobres e menos desenvolvidos do globo. De forma mais ampla, segundo Mignolo (2014), a divisão entre os Hemisférios Norte e Sul advem da necessidade de substituir a corrente divisão Leste/Oeste. Um critério civilizacional (Orientalismo e missões de civilização orientados pelos impérios Britânicos e Franceses) é modificado por um critério econômico (desenvolvimento e modernização liderados pelos Estados Unidos).

Grovogui (2011) argumenta que o “Sul Global” é uma designação simbólica com implicações políticas. Segundo ele, este termo é responsável por captar a coesão dos projetos políticos de antigas colônias na sua luta pela descolonização e pela busca de uma ordem internacional pós-colonial. Tal como está hoje, o Sul Global tem suas origens no anti-colonialismo dos anos 1950, na Conferência de Bandung (1955), no Movimento dos Não-Alinhados e na Conferência Tricontinental ocorrida em (1966). Muito embora este termo só tenha ganhado destaque no pós-Guerra Fria, a ideia atualiza o termo “Terceiro Mundo”, refletindo um ajuste no posicionamento ideológico e político que reflete as novas formas de disputas em torno dos legados do colonialismo. O Sul Global é, portanto, um movimento multifacetado, que sublinha a necessidade de uma comunidade internacional pós-colonial que busque objetivos de igualdade, liberdade e mutualismo, em uma ordem internacional livre dos legados institucionais do colonialismo (GROVOGUI, 2011). Essa divisão é dinâmica e intensamente contestada, porém, reconhece-se seus dois pontos fortes: a ênfase na natureza geográfica e territorial da divisão política, econômica e social global e a sugestão da continuidade entre a ordem mundial atual e os últimos séculos de colonialismo e imperialismo (SMITH, 2010).

Além da divisão entre um Norte desenvolvido e um Sul em desenvolvimento, a divisão geográfica orientada pela linha do Equador remete antes à outra divisão, a separação política/ideológica existente no cenário do desenvolvimento. Ela reivindica maior equidade de poder e mais representatividade na produção de conhecimento (CAIXETA, 2015). Todavia, aponta-se que o termo vem sido utilizado de diversas formas, conforme o papel ideológico e político o qual o “Sul” é designado. Além de não incluir Nova Zelândia e Austrália, por exemplo, a expressão é geograficamente mais complicada do que sugere, e tende a mudar ao longo do tempo. Ainda, diferentemente do contexto do termo “Terceiro Mundo”, atualmente não há uma alternativa socialista, mas sim, uma hegemonia neoliberal baseada nas noções de multipolaridade e governança global. Os problemas do Sul cresceram e a força de ação para a resolução destes diminuiu (DIRLIK, 2002).

Apesar de o próprio Sul ser geograficamente vasto, culturalmente heterogêneo e politicamente diverso, sua aplicabilidade como conceito possui força política, acadêmica e explicativa. Independente da ambiguidade da terminologia, a vasta maioria da população mundial vive sob extrema pobreza no

Sul, sem acesso a direitos mínimos, ao passo de que no Norte, grande parte da população vive com altos níveis de renda, emprego e segurança social (CHATTERJEE, 2012). O IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) de 2010 demonstra que a maioria dos países do Sul estão bastante afastados dos índices dos países do Norte (ZANELLA; FELIPE, 2012).

A disparidade entre as nações aponta um amplo debate. Se por um lado, os teóricos liberais, relacionam o empobrecimento dos países do Sul à sua incapacidade de acumular riqueza e gerir os seus sistemas econômicos e políticos de forma eficaz, por outro, os dependentistas marxistas já sustentavam a impossibilidade de haver o crescimento econômico de um país apenas com recursos internos. O caminho de desenvolvimento capitalista criou uma interdependência de fluxo de capital, havendo um desequilíbrio perceptível nas relações de poder entre o Norte e o Sul. (CHATTERJEE, 2012). Já o antropólogo Arturo Escobar (2007) questiona diretamente a visão de desenvolvimento vigente. Segundo ele, o próprio conceito é uma criação da ciência ocidental, que hierarquiza a relação entre o norte e o sul e que baseia um discurso de legitimação do domínio do mundo ocidental. Esse discurso constrói as ações que o perpetuam. Para se entender a construção de tal discurso, o autor aponta que a pobreza recebe, primeiramente, grande atenção mundial após o final da Segunda Guerra Mundial. Os anos 1940 e 1950 são inundados por dados e estatísticos que elucidam as condições crônicas de pobreza e mal-estar social enfrentadas ao redor do mundo. No novo cenário mundial, caracterizado pela rápida globalização da dominação estadunidense, a “guerra contra a pobreza” assume um lugar de destaque. É neste contexto que ocorre “a invenção do desenvolvimento” como superação da pobreza e do subdesenvolvimento. Esse discurso se aplica diretamente ao Terceiro Mundo, como uma verdade universal, evidente e necessária. A solução definitiva de suas mazelas estaria então no crescimento econômico e no desenvolvimento (ESCOBAR, 2007).

#### 4. CONCLUSÕES

A partir dos textos aqui abordados e dos demais que foram pesquisados, é possível perceber a deficiência teórica na discussão sobre o conceito de Sul Global. Reconhece-se que temas derivados à divisão Norte-Sul, como a cooperação Sul-Sul, são amplamente estudados; todavia, os conceitos que os compõem, em grande parte, são tomados como “dados”, havendo pouca reflexão e problematização acerca desses, de suas construções e de suas implicações práticas.

Com o fim da aplicabilidade da Teorias dos Mundos, tal categorização assume o monopólio do discurso, dentro do conjunto de ideias que permeiam a nova ordem internacional e o momento de globalização. O que se percebeu é que muito do caráter contestador do Segundo e Terceiro mundo se dilui nessa transição, e a agência e a articulação dos países periféricos ficaram limitada ao modus operandi vigente, vide os planos de cooperação Sul-Sul, que pouco – ou nada – se apresentam como alternativa para superação efetiva da situação dos países Subdesenvolvidos/do Sul Global/ do Terceiro Mundo.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTINBAS, Deniz. South–South Cooperation: A Counter-Hegemonic Movement? In: DARGIN, Justin. **The Rise Of The Global South: Philosophical, Geopolitical and Economic Trends of the 21st**. Singapoure: World Scientific Publishing Co. Pte. Ltd. 2013. Cap. 2. Pag. 29-66.

BRANDT, Willy. Common crisis North-South: co-operation for world recovery: the Brandt Commission, London: Pan Book;"Brandt report". 1983.

CAIXETA, Bolfarine, Marina. O Sul global na política e academia. **Rev. Conj. Aust.** Porto Alegre: UFRGS. v.6, n.32 . p.4-18 . out./nov. 2015

CHATTERJEE, Aneek. Theorizing the Global South in IR: Problems and Prospects. **1st Global South International Studies Conference**. Sciences Po; SA (Menton), France, Nov. 29-30, Dec. 01, 2012]

DIRLIK, Arif. Global South: Predicament and Promise. **The Global South**, Volume 1, Numbers 1 & 2, 2007, pp. 12-23.

ESCOBAR, Arturo. La invención del Tercer Mundo: Construcción y deconstrucción del desarrollo. El perro y la rana, 2007.

ESCOBAR, Arturo. "Post-development as a concept and social practice" In: ZIAI, Aram **"Exploring Post-Development: Theory and Practice, Problems and Perspectives"** New York: Routledge, 2007. Cap. 2. p 18–31.

GROVOGUI, Siba. A Revolution Nonetheless: The Global South in International Relations. **The Global South**, Vol. 5, No. 1, Special Issue: The Global South and World Dis/Order. pp. 175-190. 2011.

MIGNOLO, Walter D. **The North of the South and the West of the East, A Provocation to the Question**. IBRAAZ. 008 / 6 November 2014. Acessado em 02 ago. 2016. Online. Disponível em: <http://www.ibraaz.org/essays/108>

PAGEL, Heike; RANKE, Karen ; HEMPEL, Fabian; KÖHLER, Jonas. The Use of the Concept „Global South“ in Social Science & Humanities. In: **GLOBALER SÜDEN / GLOBAL SOUTH: KRITISCHE PERSPEKTIVEN**, Berlin, 2014. Institut für Asien- & Afrikawissenschaften, Humboldt-Universität, 2014.

SMITH, John. **Imperialism & the Globalisation of Production**. Phd Tesis. University of Sheffield, July 2010.

ZANELLA, Cristine Koehler; FILIPPI, Esduardo Ernesto. Coalizações Horizontais no Marco Sul-Sul: Reflexões sobre Espaços Estratégicos de Cooperação. **Interação**. Santa Maria: Biblioteca Central da UFSM, v.3, n.3, p.259-278, 2012.